

Voltaste, meu amor... enfim voltaste!  
Como fez frio aqui sem teu carinho!  
A flor de outrora, refloresce na haste  
que pendia sem vida em meu caminho!  
Obrigado... Eu vivia tão sozinho...  
Que infinita alegria, e que contraste!  
Volta a antiga embriaguez porque voltaste  
é doce o amor, porque é mais velho o vinho!  
Voltaste... E eu dou-te logo este meu poema  
simples e humilde, repetindo um tema  
da alma humana esgotada e envelhecida...  
Mil poetas outras voltas celebraram...  
Mas, que importa? – se tantas já voltaram  
só tu voltaste para a minha vida...  
J. G. de Araújo Jorge, Soneto à Tua Volta, em  
Edições Milênio 0105, de Mário. Marinho (1952-2004)

O Livro foi aberto e Deus escreveu:  
– Nasceste pra viver mas morrerás,  
amanhã já não és e só serás  
um nome que o mundo já esqueceu.  
Se tens o livre arbítrio, Filho Meu!  
de ti e só de ti depende a paz  
nesse mundo que em ódios se desfaz  
e renega o amor de que nasceu.  
Num momento esse Livro irá fechar  
e eu sei que não cumpri a condição.  
Deus dirá: – Põe aqui o polegar  
pra gravar com teu dedo a impressão.  
Tremendo arrependido... a soluçar,  
nas mãos de Deus... porei a minha mão!  
Humberto Soares Santa, O Livro;  
Cotovia, 2004-12-17

Vengo al pié de tu lecho – es al postero –  
en que descansas de esta larga vida;  
aquí vengo y vendré ¡pobre querida!  
con mi sereno amor de compañero.  
Percebe aquel afecto verdadero  
que, a despecho de toda humana herida,  
hizo nuestra existencia apetecida  
y puso, en un rincón, el mundo entero.  
Te traigo flores, restos arrancados  
de la tierra que un día nos vió unidos  
y hoy nos deja, por muertos, separados,  
que si tengo en los ojos malheridos  
pensamientos de vida vislumbrados,  
son pensamientos idos y vividos. SF0203  
Machado de Assis 1839-1908, A Carolina; de Sonetos  
Brasileiros traducidos por Alvaro de Las Casas – ABL 1938

## SELEÇÕES EM FOLHA

mfmendez@ig.com.br

Ano 9, Nº 05 – 2005, MAIO  
Assinatura até Dezembro de 2005: 07 selos postais de 1<sup>o</sup> Porte Nacional  
Não-comercial (R\$ 0,55) ou informe seu E-Mail para remessa mensal grátis.

Sentada en el suelo rudo  
está en el lienzo: dormido  
al pie, el esposo rendido:  
as seno el niño desnudo.  
Sobre unas brizas de paja  
se ven mendrugos mondados:  
le cuelga el manto a los lados,  
lo mismo que una mortaja.  
No nace en el torvo suelo  
ni una viola, ni una espiga:  
¡muy lejos, la casa amiga,  
muy triste y oscuro el cielo!...  
¡Ésa es la hermosa mujer  
que me robó el corazón  
en el soberbio salón  
de los pintores de ayer!

Rireis, talvez, ao saberdes  
como eu me sinto em apuros  
se pousais os olhos verdes  
nos meus olhos já maduros!  
José Fabiano, em  
Koisalinda 0502 – Fax 0<sup>o</sup> 16 636-6675

Rua de barro, batida,  
rua antiga, sem calçada;  
– pedaço de minha vida...  
– princípio de minha estrada!  
José Vitor de Paiva, em  
Trovalegre 0504 – www.ubtpa.hpg.com.br

Além de toda magia,  
que ao bater, o sino traz;  
ao tanger, ele irradia  
toda a beleza da paz!  
Newton Rossi, em  
Koisalinda 0504 – amorp@ig.com.br

Preços en supermercados  
causam-me certa apreensão:  
estamos sendo enganados  
sem mudança ou previsão.  
Olga Amorim, em  
Fanal 0502 – casadopoeta@uol.com.br

Que lhe desse forma e vida...  
Que lhe falasse de amor...  
Era uma pedra esquecida,  
sonhando com o escultor!  
Sérgio Mauro, em  
Trovamar 0504 – www.portalcen.org

Eu não consigo entender  
por que tem que ser assim:  
quando se aprende a viver,  
a vida já está no fim.  
Vera Vargas .0010, em  
Trovamar 0504 – alw@mgalim.com.br

Frio vespertino:  
a leitegada de outono  
parou de grunhir...  
H. Masuda, Goga

Tocam os apitos,  
no alto-mar, os transatlânticos  
na bruma compacta.  
H. Masuda Goga

Flor-de-maio... um cartão  
num vaso sobre o túmulo:  
“A querida mamãe”.  
Hazel de S. Francisco


Após o passeio  
de famintas capivaras  
mandioccal no chão...  
Teruko Oda

No banco da praça  
cáscas de amendoim  
jornal esquecido.  
Teruko Oda.

Tanque no quintal  
na relva abandonada  
libélulas em bando.  
Tomoko Narita, Sabiá

Caqui bem maduro  
deixado para os passarinhos  
na ponta de um galho.  
Tomoko Narita, Sabiá

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) OUTONO		
Em luto e pesar, ele a rezar por Zumbi. Dia da Abolição. Agostinho José de Souza	Brilhando em verde, a cantárida nociva destrói os grãos. Dense Cataldi	Na repartição, funcionário pressionado. Dia da Abolição. Manoel F. Menendez
Fogos de artifício, é o Dia da Abolição. Abraços festivos. Alison Cardoso de Oliveira	Noivo bem vestido, à igreja chega sorrindo. Cravo na lapela. Djalda Winter Santos	O branco reluz no Dia da Cruz Vermelha, bonito uniforme. Maria App. Picanço Goulart
No meio do outono folhas vivas aparecem sob a flor-de-maio. Alba Christina	À beira do rio árvore-do-viajante sombra e água bem fresca! Elen de Novais Felix	Junto à estrada nua, a árvore-do-viajante... – Um oásis de sombra! Maria Madalena Ferreira
A bruma chegando, tripulação fica triste. Não avista o porto... Alda Corrêa Mendes Moreira	Na bruma o aprendiz empaca sem ver um palmo além do nariz. Fernando Lopes Soares	Na orla do horizonte desponta o clarão da lua. Chão iluminado. Maria Reginato Labruciano
Abraçada ao doente, passa o Dia da Enfermeira... Noite de vigília. Amália Marie G. Bornheim	A fruta folgada dentro da casca amarela. Cheiro de ponça! Fernando Vasconcelos	De pele enrugada, encaraçada por dentro. Delícia de pinha! Nadyr Leme Ganzert
Maria-catinga pousada na folha verde. Cheira o outono. Amauri do Amaral Campos	Pela janela visão dificultada. Caminho de bruma. Flávio Henrique Velasco	Pescador atento vê cardume de sardinhas. Volta triunfante. Olga Amorim
O vento traz cheiro, um passarinho belisca a romã madura. Analice Feitoza de Lima	Olha o periquito! Sem que a madame veja, foge do poleiro. Hélcio Dursó	Dia vem raiando. Nebulina molha o jardim; Flores desabrocham. Olga dos Santos Bussad
Estamos no outono. A tangerina madura recende na feira. Angélica Villela Santos	Dia da Abolição. Ceará, Terra da Luz, feliz comemora... João Batista Serra	Tirada da água, mamãe serve, ainda quente, gostosa pamonha. Olíria Alvarenga
Manacás abertos, abraçada ao seu buquê... sorrindo a menina. Anita Thomaz Folmann	Ao anoitecer Via-láctea desponta sobre o grande rio. Larissa Lacerda Menendez	Visão no vitró quaresmeira em botão roxo no paisagem. Rosângela Aliberti
Na ponta do anzol, qual raio de sol, cintila o peixe – o dourado... Darly O. Barros	Essa neblina abraça o pico da serra! Sol abrindo a porta... Leonilda Hilgenberg Justus	Botequim de esquina. Papagaio na gaiola gosta palavrões. Walma da Costa Barros



### SELEÇÕES MENSAIS

#### FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAUCUS

**Remeter até 30.05.05, quigos à escolha:  
Couve-flor, Dia gelido, Dia do Padre.**

Remeter até 30.06.05, quigos à escolha:  
Beija-flor, Dia do Ancião, Gladiolo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sessão), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluímos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só praticando*. Não há outra opção: comece já!

No Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), orientamos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *¡Amos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP ou mfmendez@ig.com.br

- Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma linha 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.
- Posteriormente o haicusta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
- Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicusta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicusta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixará de votar.
- O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

**TREVOS À OCIDENTAL \* – TREVOS PERSONAGEM \***

A flor-de-maio, tarde... noites... doçura... cair da noite. Agostinho José de Souza	Vestido de branco, e gerando vestimentos, surge o algodão. Alba Christina
Noite enluarada. No céu uma estrela cadente. Lágrimas da noite. Alison Cardoso de Oliveira	A rosa cantava, mas o jardim ficou triste: o cravo brigava... Alda Corrêa M. Moreira

HAUCUS EM FOLHA		
De braços abertos, o espantalho é quem recebe pessoas e pássaros. Djalda Winter Santos	Na longa alameda péras rosadas, maduras, aguardam colheita. Djalda Winter Santos	Pego de surpresa – garoto colhendo péra do pomar vizinho. Edel Costa
De braços abertos, o espantalho é quem recebe pessoas e pássaros. Djalda Winter Santos	Na longa alameda péras rosadas, maduras, aguardam colheita. Djalda Winter Santos	Pego de surpresa – garoto colhendo péra do pomar vizinho. Edel Costa
Cai a cerração sobre as águas do oceano. O barco prossegue. Walma da Costa Barros	Frutos madurando. Braços em cruz, o espantalho guarda a plantação. Walma da Costa Barros	Na manhã de inverno, cerração cobre a paisagem. Ausência de cores. Angélica Villela Santos
Passa o vento forte. No chão desfeito o espantalho... palhas que voam! Anita Thomaz Folmann	Cheiro de café no meio da cerração pássaros cantam e logo se vão. Larissa Lacerda Menendez	Densa cerração cobre a paisagem e logo se vão. Sérgio F. Pichorim
Tosca silhueta. No meio da plantação espantalho ao vento. Amauri do Amaral Campos	O sol apressado desfaz o céu branquecido. Cerração sumiu! Anita Thomaz Folmann	Muitos sinos verdes atraindo passarinhos. Não tocam. São péras. Angélica Villela Santos
O pássaro olha e bica, olha e bica... Espantalho perto. Manoel F. Menendez	De repente desce a cerração sobre o cais. Já não vejo o mar. Walma da Costa Barros	Corvos descansando sobre os braços do espantalho. Sitante alerta. Renata Paccola
Carros devagar Faróis furam cerração na estrada de Santos. Analice Feitoza de Lima	Péras suculentas balançam, suavemente, nos galhos dourados... Amália Marie Gerda	O sol vai surgindo, vai sumindo a cerração. As cores voltando. Manoel F. Menendez
Cheiro de infância no interior da lancheira odor de péra. Larissa Lacerda Menendez	A cerração fecha a Serra da Cantareira. Não se vê São Paulo. Amauri do Amaral Campos	Pequenos vestígios. Na péra abandonada marcas de mordidas. Amauri do Amaral Campos
As crianças riem, os passarinhos se assumam espantalho à vista. Alba Christina	No ombro do espantalho, um ninho de bem-te-vis... Biquinhos sedentos! Amália Marie Gerda	De braços abertos, espantalho, de chapéu, guarda a plantação. Angélica Villela Santos
Muito alta a pereira. Olhinhos esfomeados... péra na cabeça! Anita Thomaz Folmann	Descida da serra. Bares aguardam lotados fim da cerração. Renata Paccola	Aquele chapéu vestido no espantalho igual do meu pai. Sérgio F. Pichorim

Guerra. Sofrimento.  
A Cruz Vermelha aparece!  
É o consolo e a Vida!  
Amália Marie Gerda

Nas senzalas no  
Dia da Abolição  
os elos calaram.  
Amauri do Amaral Campos

Aeroporto em festa.  
Dia da Aeroamoça.  
31 de maio.  
Analice Feitoza de Lima

A brisa passando  
nos galhos do tamarindo  
acalanta o aroma.  
Anita Thomaz Folmann

Filhos comemoram...  
Será que a mãe só merece  
um dia no ano?  
Cecy Tupinambá Ulhôa

Dia da Abolição \*  
e a escravidão infantil  
na carvoaria...  
Darly O. Barros

A estrela cadente  
baila em meio a madrugada  
princesa da noite.  
Dercy de Freitas

Que céu deslumbrante!  
Via-láctea decomposta  
em milhões de estrelas...  
Djalda Winter Santos

Um breve instantâneo:  
– O filho e a mãe, de mãos dadas,  
na primeira missa.  
Eduardo Toledo

Em seu belo dia,  
enfermeiras agradecem  
rosas recebidas.  
Elen de Novais Felix

Orvalho caindo...  
A rosa acorda chorando...  
Não sabe porque...  
Eryc M. M. de Faria

Criança se acalma  
gostinho de tamarindo  
refrescando sua alma.  
Fernando Lopes Soares

Liquefeita a noite,  
restam as gotinhas do orvalho.  
Pranto da alvorada!  
Fernando Vasconcelos

Céu, noites serenas,  
infimidade de estrelas,  
surge a Via-láctea.  
Flávio Ferreira da Silva

Outono termina...  
No Vale do Rio do Peixe  
já se colheu a uva.  
Guim Ga

Há festa nos céus:  
é Dia da Aeroamoça.  
Nossas homenagens.  
Hélcio Dursó

Uvas da parreira,  
da fazendola, prometem  
generoso vinho!...  
Hermoclydes S. Franco

Não há mais senhor,  
senzala, Sinhá Maria...  
Dia da Abolição.  
João Batista Serra

Chega a Via-láctea  
lembrando Olavo Bilac,  
um viva ao poeta.  
Jorge Picanço Siqueira

Nebulina, com pressa,  
cobre paisagem ao sol!  
Pobre artista plástico...  
Leonilda Hilgenberg Justus

Mãe, hoje em seu Dia  
lembrança quando criança:  
seu colo eu queria...  
Luiz Koshiro Tokutake

Bondosa princesa  
assinando liberdade:  
Dia da Abolição!  
Maria App. Picanço Goulart

Contas de cristal?  
Lágrimas da madrugada?  
– Gotinhas de orvalho!  
Maria Madalena Ferreira

Longe do jardim,  
floresce a crista de galo...  
No lá galinheiro!  
Maria Reginato Labruciano

Minha preta chora.  
Negaram-lhe um abraço.  
Onde a abolição?  
Nadyr Leme Ganzert

As cristas vermelhas!  
Era um jardim bem antigo.  
Plantadas em fila.  
Olga Amorim

Gotinhas de orvalho  
as rosas beijando as pétalas,  
com ternô sorriso.  
Olga dos Santos Bussad

“Ma-ri-á! Maria!...”  
Chama, triste, o papagaio.  
Mí-a mãe que partiu.  
Olíria Alvarenga

Pelos campos d’alma,  
vai cavalgando sem pressa,  
cheiro de alecrim  
Regina Célia de Andrade

Estrela cadente:  
universos solitários  
pedindo-lhe amor.  
Renata Paccola

Estátua esculpida  
no Dia da Abolição.  
Princesa Isabel.  
Roberto Resende Vilela

A crista de galo  
vermelha como carmim  
parece uma flor.  
Salma Lasmar Duarte

Quietude na mata  
perdura até que a porta  
o pica-pau bata.  
Sérgio Serra

Sorri debochado  
o insistente pica-pau.  
– Desenho infantil...  
Walma da Costa Barros

Cidadão saudoso.  
Romã plantada no vaso...  
Frutificará?  
Yedda Ramos M. Patricio

A lua está ausente. No silêncio do Busshinji, o vento sussurra. Alberto Murata	Lua sob as nuvens – o chão molhado reflete as luzes da noite. Edson Kenji Iura	Meu mestre de versos onde andarà esta noite. Lua que não veio. Francisco Handa	À espera da lua, olhos fixados no céu. Neblina brilhante. Lávia Lacerda Menendez	Silêncio no templo. Coberta pela neblina a lua de março. Manoel F. Menendez	Pescoços erguidos – os poetas procurando a lua escondida. Neide Rocha Portugal	Breve claridade – a passagem silenciosa da lua sem rosto. Teruko Oda	Pequena lua; a lâmpada acendeu no escuro prédio. Valdir Peyçeré
---	---	---	---	--	---	---	--

Contemplanção da Lua (Tsukimi) do Templo Busshinji, em 24.03.05 – www.kakinet.com/lu/

O vento sopra silêncio do jardim... Dentes-de-leão.	Borboleta distraída prova seu corpo nas estampas floridas.	Névoa de inverno brincam as gotas pelo varal.	Nem todos lugares nem todos prazeres podem ser provados. Muito menos	todas quimeras sopradas da noite filha de caos.	Tudo está do mesmo jeito até o pó em cima do instante! Dedicatória	Minha história folheio nesse livro tempo	sensato movimento do silêncio	padece vazio... Móbile	Abro a janela para uma paisagem nua: outono.
---	--	---	---	---	--	---	-------------------------------------	------------------------------	--

Harley Meireles, de Fragmentos do Silêncio, 2003; harleymeireles@ig.com.br

São maridos mais leais os de agora... quem diria?... – É que manter filiais sai muito caro hoje em dia! Antônio Augusto de Assis	Não era de minha amada a voz que ouvi lá na sala; mas quando quer ser lembrada, a saudade às vezes fala. Edmilson Ferreira Macedo	– Você só nega serviço, diz a mulher, com desdém; quero um amante bom nisso... – Que coincidência... eu também!!! Élbea Piresila de Souza e Silva	Coitadinha da infeliz, com marido gordo, esférico, arranjo amante e diz: – É meu marido... genérico! Héron Patricio	Conta aos amigos, radiante, que a sua nova paixão é boa, é bonita e amante de tanque, pia e fogão!... Izo Goldman	Negar faz parte do jogo, exceto em lições de casa: se o marido nega fogo, vem o amante e manda brasa! José Ouverney
O marido tolerante para evitar confusão, deixa a mulher com o amante juntinhos... num só caixão! Maria Lúcia Daloco Castanho	De vaidades despojada, com fortunas não me iludo. Quero, apenas, ser amada... – Para mim... o amor é tudo! Maria Madalena Ferreira	– Não é verdade, marido! Não tenho um amante! Esqueça! Isto é uma coisa, querido, que alguma te pôs na cabeça! Marina Bruna	Amante?! Quantas quiseres; jamais te esqueças, porém: – quem possui muitas mulheres... tem várias sogras também! Regina Célia de Andrade	Vendo o novo anel de Alice, a amiga pergunta a esmo: – É diamante? E a outra ri-se – Não! É do marido mesmo! Renata Paccola	Foi de alergia que o ousado e velho amante expirou... Dentro do armário mofado não resistiu... e espirrou. Waldir Neves

Concurso de Trovas entre Assinantes do Trovaregre 2004, em Trovaregre 0503 – Trovaregre: Caixa Postal 181, CEP 37550-000 – Pouso Alegre, MG

Não tenho paciência nem mortos não celebro nada a vida é esta faca sem corte acostumada gentes de amanhã: tudo que escrevo se afasta me afasta estou rodeada dos que sequer conhecem a palavra pérola. Eunice Arruda, Agonia e O Navio de Hércules; de À Beira, 1999	Ele agonizou seis horas indefeso nas águas do Atlântico ele afundou lento pesado de mistério e magia trazia nas entranhas uma bomba – disseram – ou um brilho em demasia.	Jamais eu ficaria quieto sob o teu olhar; que muito menos quietos, no direito de ir e vir, sobre o teu corpo, seriam os meus olhos lívidos. Porque sobre mim, bastam os sons dos teus vestidos: já me desvestem a alma.	Um dia, Ela desenhará em chãos longínquos a casa só nossa, que eu farei com estas mãos. Os tijolos, eu os amassarei com os pés. Às telhas – hei de aprontar o barro mais macio, e as formas serão por mim, uma a uma, completadas; Ela as alisarà longamente – seus dedos molhados de um profundo silêncio: sós os pássaros.	Partiu o peregrino pro Além. De branco bem vestido, foi-se embora, sereno no adeus, já não demora que sinta a paz que a outra vida tem. A alma que do corpo foi refém está liberta !... Partiu !... Chegou a hora !... Os sinos vão dobrar p'lo mundo fora. partiu em paz !... Que viva em paz !... amém ! Humberto Soares Santa, Adeus Peregrino!
---	--	--	--	--

Soares Feitosa, Strep Tease e Arquitetura; em Jornal de Poesia – soaresfeitosa@uol.com.br

A F É E O T R A B A L H O  
Leão XIII (Vicenzo Gioacchino Pecci 1810-1903), sucessor de Pio IX, marcou seu tempo sobretudo através de sua encíclica Rerum novarum (1891). Publicado em A Gazeta há uns 50 anos; não consegui o nome do tradutor (Quintela Júnior?).

Que ela retorne aos lares. E que seja o eterno guia, a lâmpada bendita, que expulsa da alma os écúlos da inveja, que tanto à humanidade infelicita; que ponha fim à usura, que corveja; que dê consolo a toda gente aflita, e, num gesto de amor, – de amor supremo, feche com a Hóstia a boca do blasfemo!	Pois que somente a religião dá tudo: ela é que ampara os homens neste abismo de prantos, permitindo, sobretudo, que lutem contra o próprio e alheio egoísmo. Não há dor que uma prece de veludo não acalme, num suave misticismo, a alma elevando ao páramo eternal, sob as luzes do Bem e da Moral!	Trabalhe com ardor: tenha consigo que seu esforço é que o fará subir: jamais julgue o patrão como inimigo e o sirva pelo empenho de o servir. Procure dos colegas ser amigo; e que todos, no afã de produzir, sintam – a alma repleta de prazer – quão doce é o cumprimento do dever!	Sim! Pois talvez não haja, na existência, nada mais belo e tranquilizador, que o suave descanso da consciência depois de horas inteiras de labor. Um dia (assim o queira a Providência) passará de empregado a empregador e o que fez a seu chefe – bem, ou mal, receberá seu pago em moeda igual.
--	---	--	---

N A E S T R A D A

John B. Birge, em Ellery Queen, maio de 1977

Do lugar onde o velho estava, a estrada corria direta até o horizonte, em ambas as direções. Ele olhou para o lado oeste. O sol nascente da manhã batia desconfortavelmente nas suas costas e ele podia sentir o calor do tapete de asfalto irradiando-se através das solas de seus sapatos.

– Vai ser um dia bem quente, sem dúvida. Espero conseguir logo uma carona – pensou em voz alta, na maneira inconsciente de um homem acostumado a viver só. – Talvez fosse melhor pegar o ônibus, mas de carona é mais rápido e geralmente mais confortável.

Como que para conferir suas rumações, um pequeno objeto que se movia a grande velocidade apareceu no horizonte. “Rapaz, ele está pisando mesmo!” pensou o velho, enquanto assumia a postura clássica do caronista: braço levantado, ante-braço erguido em ângulo reto, dedos curvados contra a palma da mão e polegar esticado para cima.

O objeto movente transformou-se num automóvel que corria a grande velocidade. Ele estava a uns cem metros de distância quando o velho notou que diminuía a marcha e que ia conseguir carona. O motorista freou suavemente o veículo, com habilidade, meia dúzia de metros além do caronista.

Avançando rápido, o velho observou que o motorista era um homem alto e jovem, com uma atraente mulher sentada ao lado. Assim que o velho abriu a porta traseira, uma onda de ar frio bateu-lhe no rosto, mostrando-lhe que o carro tinha ar condicionado. O rádio estava ligado numa estação dessas que irradiam 24 horas por dia, apresentando música regional e música do Oeste.

Ele ainda estava apreciando a sua boa sorte e recostando-se no assento traseiro quando viu a arma, deitada no banco da frente entre o motorista e a mulher. O velho deixou-se cair para trás, fechando os olhos para simular cansaço e ocultar seu espanto.

“Vamos, meu velho, isto aqui é o Arizona e armas não são tão incomuns por aqui”, pensou, abrindo os olhos enquanto o carro se punha outra vez em movimento. Seu olhar foi notado imediatamente pelo motorista através do espelho retrovisor. – Que acha do meu revólver, veterano? É uma 45 do Exército. Comprei-a numa casa de penhores em Tucson, ontem. Dizem que ela abre um buraco num homem que dá para passar o seu punho. – O tom era casual e amistoso, mas o velho notou um ligeiro traço de zombaria.

Ele estava procurando achar algo adequado para dizer, quando a mulher falou: – É melhor você diminuir a velocidade, Sugar. Você não quer ser apanhado agora pela patrulha rodoviária, não é? – Ela terminou de falar com uma risada forçada que, para os ouvidos do velho, continha uma pequena nota de história.

O velocímetro vermelho estava chegando aos 130km horários. O riso do motorista era sem alegria. – Não, isso não seria bom. Poderia embaraçar o nosso amigo ali do banco de trás. – O carro diminuiu a marcha até que o ponteiro permaneceu entre 110 e 120. Estava acima do limite permitido, mas não o bastante para chamar a atenção.

O caronista deixou a cabeça pender para trás e de novo fingiu dormir, enquanto considerava a situação com certa angustia. “Ora, é apenas a sua imaginação: a arma está fazendo você imaginar coisas”, concluiu. Assim pensando, e embaldado pelo movimento do carro, ele acabou mesmo adormecendo.

O carro continuava correndo, seu hodômetro marcando os quilômetros percorridos enquanto o motorista mantinha uma velocidade constante. Cruzaram os limites estaduais e rumaram na direção leste, atravessando o Estado de Novo México.

Logo eles chegavam a Lordsburg, diminuindo a marcha para entrar na cidade, embora ainda fosse muito cedo para haver trânsito. A mudança na velocidade despertou o caronista. – Ei, veterano, você não disse até onde queria ir. – Meio acordado, o velho respondeu fracamente e sem pensar: – Amarillo.

O volume de som do rádio aumentou com a voz energética do locutor: – E agora, o noticiário matutino. Primeiro, um comunicado que acabamos de receber: pede-se a todos os cidadãos que fiquem de sobreaviso quanto a um foragido da Prisão Estadual de Arizona, Joseph O’Brien, 32 anos, 1,85m de altura, pesando 90kg, cabelo escuro, olhos azuis e pele clara. O’Brien, provavelmente, está armado e deve ser considerado perigoso.

O homem ao volante rousnou: – Chega disso! Vamos ouvir um pouco de música! – O motorista comprimiu um botão e os acordes de *Pistol-Packin’ Momma* encheram o carro.

O velho estava bem desperto agora, com seus pressentimentos cristalizados em medo autêntico. ‘Oh, Deus, no que fui me meter! Esse cara é um foragido da justiça! Ele deve ter me apanhado para despistar: três pessoas em vez de duas. Provavelmente vai me liquidar quando terminar a viagem. Por que eu não disse Lordsburg em vez de Amarillo?’

Logo eles deixavam Lordsburg e aumentavam a velocidade. Em pouco tempo o carro chegava novamente a 115km horários. A mulher estava sentada meio de lado, com as costas voltadas para a porta e o rosto para o motorista. Seu braço esquerdo estendia-se ao longo do topo do assento dianteiro e seus dedos tamborilavam ao ritmo da música.

De repente, ela se endireitou e agarrou a bolsa com as duas mãos. Ergueu um pequeno espelho na mão esquerda, enquanto ajeitava o cabelo e passava batom com a direita. Depois de absorver o excesso de batom dos lábios com um lenço de papel, ela tornou a guardar os objetos, remexendo por alguns segundos na bolsa antes de voltar à sua antiga posição. Desta vez sua mão esquerda estava fechada.

Gradualmente, seu braço pendeu em arco nas costas do banco até que seu pequeno punho ficou abaxo de qualquer visão possível por parte do motorista. Repentinamente, o velho ficou espantado ao sentir um toque ríspido em seu joelho. Ele olhou para baixo e viu o punho da mulher suspeso sobre suas pernas. “Oh, Deus!”, pensou ele. “Ela foi raptada e está tentando me passar uma mensagem, ou coisa assim! Ela vai fazer que nós dois sejamos liquidados!”

O velho estava com receio de se mover, mas o pequeno punho mostrava-se imperativo. Cuidadosamente, ele estendeu a palma trêmula até ficar diretamente debaixo dos nós embranquecidos do punho da mulher. O velho fechou os dedos sobre um pedaço de papel amassado e o enfiou no bolso sem ousar olhá-lo. Deliberadamente, a mulher repôs o braço sobre o alto do encosto, sem chamar a atenção do motorista.

Agora, totalmente apavorado, o velho estava convencido de que era o refém de um criminoso e raptor foragido, um homem que atiraria à menor provocação. Decidiu então saltar do carro na primeira oportunidade. Certamente eles teriam de diminuir a marcha em Deming, talvez até parassem num sinal.

Contudo, quando entraram na cidade, o motorista exibiu uma outra faceta de sua habilidade. O carro diminuiu a marcha até abaxo de 65km e foi acelerando e desacelerando na medida exata para pegar todos os sinais verdes. De novo na estrada, o velocímetro tomou a subir aos 115km horários.

Aterrado como estava, o caronista forçou-se a pensar: “Meu primeiro plano não era bom. Se eu saltar do carro, ele perceberá que sei de tudo e atirárá em mim antes que eu dê três passos. Por outro lado, se eu inventar uma desculpa para ir embora e fizer isso num lugar cheio de gente, ele pode acreditar em mim e hesitar em atirar, para não atrair a atenção de todos sobre si.

Já sei! Será quase meio-dia quando chegarmos a Las Cruces. Essa é uma cidade grande e ele não vai conseguir pegar todos os sinais abertos. Na primeira vez que ele parar, direi que preciso ir à toalete e sairei antes que ele possa fazer qualquer coisa. A moça irá pensar que a estou abandonando mas chamarei a polícia o mais rápido que puder. É arriscado, mas é o jeito”.

A região plana dera lugar agora a um caminho montanhoso, e a estrada serpenteava em acíve. O motorista ainda não diminuía a marcha. Ele e a moça estavam calados: ele concentrado na direção e a moça aparentemente ouvindo a música do Oeste.

E continuaram correndo. O tráfico estava ficando mais difícil. O itinerário mudou, primeiro para uma rodovia federal de quatro pistas, depois para uma estrada de mão dupla. O velho sentou-se mais apumado. Estavam se aproximando de Las Cruces. Um letreiro avisava: – A rodovia termina uma milha adiante. – Agora estavam nas ruas da cidade.

Então veio a grande chance: o sinal vermelho num cruzamento movimentado. O velho inclinou-se para diante, murmurando: – Preciso achar uma toalete – e abriu a porta do carro. Seus pés pousaram no asfalto e ele bateu a porta atrás de si.

Queria desesperadamente correr, mas obrigou-se a andar, esperando a qualquer momento o impacto arrasante de uma bala entre as omoplatas. Na hora em que atravessou a calçada, estava banhado em suor e suas pernas tremiam incontrolavelmente.

Passou em frente à vitrina de uma loja e caminhou vacilante até a entrada, saltando um suspiro de puro alívio. Seguro ali dentro, enfiou a mão no bolso e tirou o pedaço amarratado de papel: era uma velha nota de cinco dólares.